

– É claro!

Pedi um lote extra de guardanapos e o homem me deu um maço de três dedos de altura. Foram úteis. O Bernardo também deveria ter comido aquele cachorro-quente nu, dentro da banheira, porque, ao cabo do empreendimento, ele estava todo melecado. Enquanto comia, a Marcinha ficou reclamando do exagero da culinária americana. Eu fiquei na expectativa. Qual seria o veredicto? Quem venceria: Nova York ou Porto Alegre?

– E então? – perguntei, por fim: – Qual é o melhor cachorro-quente do mundo?

Ele pensou um pouco. E decidiu:

– Empate. Os dois têm coisas boas.

Balancei a cabeça. Não era mau empatar com Nova York.



---

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**  
**UCS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**  
**CERTIFICADO INTERNACIONAL DE LÍNGUA**  
**PORTUGUESA**

**NÍVEL B2**

**Prova 3 – Expressão e interação**  
**escrita**

**2019**

Hughes, a certa altura da vida, foi tomado por irrefreável mania de limpeza. Usava um sabonete a cada vez que lavava as mãos, e lavava as mãos muitas vezes por dia. Dormia naquelas câmaras hiperbáricas em que o Michael Jackson se homiziou tempos depois. Tinha pavor de sujeira e de micróbios. Quando li isso de Hughes, lembro de ter pensado: "Mas então esse cara não come cachorro-quente!". E fiquei com muita pena do triste magnata. Como alguém podia viver sem cachorro-quente?

Esse, do americano, o nome já dizia tudo a seu respeito: dirty dog. Tratava-se de coisa séria. Sob o olhar receoso da Marcinha, o homem deitou repolho cozido sobre a salsicha. Ela protestou:

– Repolho?

Mas o Bernardo estava firme:

– Repolho!

O homem continuou, sempre sorrindo e repetindo:

– O cachorro-quente de Nova York!

Cobriu o repolho com um molho incerto. Em seguida, cometeu algo que nem eu, calejado de cachorros-quentes que sou, poderia imaginar: levou uma colher a uma panela e de lá colheu uma porção de... feijão! Por Deus. Era um feijão meio marrom, imerso em um caldo vermelho-escuro. A Marcinha arregalou os olhos:

– Não!

Mas o Bernardo:

– Sim!

E o americano:

– Oh Yeah!

Colocou o feijão. Bastante feijão. Depois, olhou para o Bernardo com a satisfação coruscando no rosto e arrematou:

– É claro que você vai querer mostarda e ketchup...

Estremeci. Era como se a honra do Rio Grande estivesse em jogo. Quem seria o melhor: o cachorro-quente de Porto Alegre ou o clássico de Nova York? Eu e minha cidade não podíamos ficar desmoralizados nessa disputa.

– Tudo bem – suspirei. – Vamos lá.

O vendedor fez faiscar ainda mais a brancura de seu sorriso.

– Completo? – perguntou.

A Marcinha, mãe zelosa que é, e sabedora de que, nos Estados Unidos, o "completo" significa o cachorro-quente estar recheado de coisas estranhas, saltou de lá:

– Completo, não!

Mas o Bernardo estava decidido:

– Quero completo!

O americano voltou a me encarar:

– Completo?

Suspirei outra vez, resignado:

– Completo...

A Marcinha balançou a cabeça e olhou para o céu azul de Nova York, como se estivesse em oração. O americano acomodou uma salsicha de bom tamanho no ventre aberto do pão. Muitas vezes, o cachorro-quente americano é apenas isso: pão e salsicha. No máximo, eles espalham filetes de mostarda e ketchup, mas em geral é só pão e salsicha, o que rende imensa vantagem ao cachorro-quente do Rosário, se você não for minimalista ou não estiver com pressa.

Eu não sou. Cachorro-quente, para mim, tem de ser lambuzantemente gigante. Uma experiência de corpo inteiro. O meu amigo Admar Barreto diz que só come cachorro-quente do Rosário nu. Eu, quando tinha mais ou menos a idade do Bernardo, 10 anos, lembro de ter lido a respeito do bilionário americano Howard Hughes, um sujeito rico e esquisito – Leonardo di Caprio o interpretou no filme O Aviador. Pois

### ATIVIDADE 1:

A Universidade de Caxias de Sul está realizando um estudo sobre **a superexposição nas redes sociais**. Para isso, solicitou que pessoas de diferentes países escrevessem um texto sobre o tema, expressando sua opinião por meio de argumentos. Envie seu texto para a Universidade com as seguintes informações:

- \* nome, idade, profissão e escolaridade;
- \* lugar de residência;
- \* sua opinião sobre o tema;
- \* argumentos que corroboram a sua opinião;
- \* proposta de solução para o problema.

Para ajudá-lo, leia o fragmento de uma reportagem sobre o tema disponível na página 2.

## Exposição na rede<sup>1</sup>

[...]

É natural. O desejo de “bisbilhotar” a vida alheia existe desde sempre. “Na maior parte da história humana, as pessoas viveram em pequenas tribos onde todas sabiam tudo o que todo mundo fazia. E de alguma forma estamos nos tornando uma aldeia global. Pode ser que descubramos que a privacidade, no fim das contas, sempre foi uma anomalia”, afirma o professor Thomas W. Malone, do Centro de Estudos de Inteligência Coletiva do MIT.

Seja como for, trata-se de uma anomalia de que todo mundo gosta. E por isso mesmo um movimento ganha cada vez mais força: há uma preocupação maior com a bisbilhotice. Na prática, está acontecendo o contrário do que Zuckerberg imagina. Estamos menos “sociais”.

Hoje, a quantidade de dados que as pessoas deixam aberta na rede para todo mundo ver é, por cabeça, bem menor do que há 5, 6 anos. É raro encontrar quem deixe suas fotos escancaradas numa rede social. Scraps públicos no Orkut já são parte de um passado remoto.

[...]

<sup>1</sup> Adaptado de: <http://super.abril.com.br/tecnologia/fim-fim-privacidade-580993.shtml>. Acesso em: 22 abril 19.

## ATIVIDADE 2

Leia a crônica abaixo e elabore uma resenha crítica para a revista literária Antares. Nela, você deve:

- \* fazer um resumo abordando os principais pontos desenvolvidos no texto;
- \* expressar sua opinião sobre o tema;
- \* indicar o público leitor a que se destina essa crônica.

### PORTO ALEGRE OU NOVA YORK?<sup>2</sup>

Bem na nossa frente, estava essa van com o nome escrito em letras grandes: "Dirty Dog". Cachorro sujo. Uma carrocinha de cachorro-quente típica de Nova York. O vendedor era um homem de pele negra lúzida, magro, de idade avançada. Sorriu para nós e anunciou:

– Temos aqui o cachorro-quente nova-iorquino clássico! O melhor cachorro-quente do mundo!

Meu filho Bernardo olhou para mim:

– Ele disse que este é o melhor cachorro-quente do mundo... Senti-me desafiado. Quando estivemos no Brasil, dois meses atrás, eu o levei para comer o cachorro-quente do Rosário e garanti que aquele era o melhor do mundo. Agora vinha alguém com autoridade para me desmentir. E ele tinha autoridade. Afinal, o cachorro-quente foi inventado nos Estados Unidos, exatamente em Nova York.

– Quero experimentar – avisou o Bernardo.

<sup>2</sup> David Coimbra. Disponível em: [https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=1445721505465538&id=936144719756555&\\_\\_tn\\_\\_=K-R](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1445721505465538&id=936144719756555&__tn__=K-R). Acesso em: 14 jun. 2019.